JOSÉ MAURÍCIO DE CARVALHO, Profº Dr. Aposentado Da Universidade Federal de São João Del Rei e Profº Dr. Do Instituto Presidente Tancredo de Almeida Neves (IPTAN)

BUBER, Martin. **O caminho do homem**. São Paulo, Realizações, 2011.

O livro teve origem num texto preparado para um Colóquio realizado em Woodbroker, em Bentveld, na Holanda, em abril de 1947. A edição traz um posfácio de Albrecht Goes que comenta o livro, bem como outros aspectos do pensamento de Martin Buber. Seguem-se as biografias de Buber e de Goes que contextualiza os dois personagens e a relação intelectual que mantiveram.

O livro foi organizado em seis capítulos onde o autor comenta os ensinamentos de rabinos ligados ao chassidismo, movimento que faz uma leitura singular do judaísmo com vistas ao aperfeiçoamento humano, ao desenvolvimento da espiritualidade, ao fortalecimento do entusiasmo e alegria fundadas na fé em Deus.

O livro, contudo, não é um veículo de divulgação do chassidismo porque Buber reúne e exprime ensinamentos que dali retira inserindo-as em seu próprio pensamento, ajustando as lições dos rabinos aos desafios do homem do seu tempo e destacando o problema representado pelo sentido da vida humana. O que se quer dizer? Que a leitura de Martin Buber destaca não o gnosticismo cabalístico do movimento chassídico, mas a aplicação de alguns ensinamentos daquela fé ao mundo do homem, pensado de forma próxima aos fenomenólogos de seu tempo que se abriam ao problema de Deus.

O capítulo inicial comenta a lição do rabi Schneur Zalman, que estando na prisão foi interpelado por um oficial da guarda (p. 7): "como é que Deus sendo onisciente, perguntou a Adão: onde está você"? Por que perguntou se é onisciente e tudo sabe? O rabino respondeu ao oficial que a pergunta dirigida a Adão se estende a todo homem e não tem sentido espacial. A indagação pretende levar cada homem a pensar até onde ele avançou em seu desenvolvimento espiritual enquanto vive neste mundo. E a atitude de Adão é a mesma de todo homem, ele não se esconde fisicamente de Deus, o que ele deseja esconder é da responsabilidade com o sentido que dá a sua vida. Diz Buber (p. 10): "Dessa maneira, todos os homens se escondem, pois todos são Adão e estão na situação de Adão. Para escapar da responsabilidade por sua vida, a existência é transformada num sistema de esconderijos". E assim, quando mais o homem se esconde de Deus na construção do seu sentido, mais segue no caminho errado. Daí o sentido profundo da pergunta (p. 11): "ela quer atingir o homem, quer destruir seu sistema de esconderijos, quer lhe mostrar onde foi que ele se meteu, quer despertar nele a grande vontade de sair". Estando escondido de Deus o homem não é fiel ao próprio caminho. A questão, para Buber, é o caminho seguido, que é uma forma de tratar do sentido ou da fidelidade ao projeto pessoal, como preferiam dizer os filósofos da existência.

O capítulo segundo volta ao tema do sentido sob o título *O caminho particular*. A ênfase é a inexistência de um único caminho para todos ou da singularidade da vida de cada homem. Ao ser interpelado sobre o caminho de cada homem responde o rabi Bar de Radoschitz (p. 15): "existe um caminho para servir a Deus pelo estudo, outro, pela oração, outro, pelo jejum, e outro, pela comida. Cada um deve saber por qual

caminho seu coração anseia e esse deve ser o escolhido, com toda disposição". O ensinamento do rabi indica que não há um único caminho possível, mas muitos. E do mesmo modo que cada homem é uma nova realidade sobre a terra, explica Buber, ele é (p. 16): "chamado para realizar sua particularidade neste mundo". É exatamente o que ensina Ortega em *Verdad y perspectiva* onde diz (p. 20): "aspiro contagiar aos demais para que sejam fieis cada qual a sua perspectiva". E sobre o tempo que se aproximava a ele se referia Ortega como um tempo rico, complexo, nobre onde cada homem (p. 20): "pudesse desenvolver melhor as diferenças pessoais e infinitas possibilidades de emoção se abram como alamedas onde possam circular". Essa mesma questão Buber tira da boca do rabi Sussja, pouco tempo antes dele morrer. Diz o rabino: (p. 17): "No próximo mundo ninguém vai me perguntar: Por que você não foi Moisés? Vão me perguntar: Por que você não foi Sussja?" A compreensão de Buber na questão do sentido é que cada homem deve encontrar seu caminho para Deus, o que somente seria possível com consciência da própria singularidade, como diria qualquer fenomenólogo (p. 18): "o caminho de um homem até Deus não pode dizer outra coisa sobre ele senão o conhecimento de sua própria essência, o conhecimento de suas características e realidades e aptidões". Sobre a singularidade existencial expressa no clássico orteguiano *Meditações do Quixote* comenta Amoedo (2002, p. 232): "Estes homens que procuram ser únicos, isto é, ser a origem dos seus atos são heróis, porque a heroicidade consiste (para Ortega) nesse quererem ser eles mesmos" (*José Ortega y Gasset, a aventura filosófica da educação*. Lisboa, Imprensa Nacional). É essa a questão fundamental de Buber.

O capítulo seguinte intitulado *Determinação* considera o modo como o Vidente de Lublin avalia a atitude do seu aprendiz que, depois de jejuar de sábado a sábado, estava atormentado pela sede e foi beber água no poço. Diante do poço pensou que não valia a pena destruir o esforço de uma semana agora que se aproximava o fim do sábado. Ao vencer o desejo de beber água ficou orgulhoso de si, mas, então, em meio a dúvidas, decidiu voltar e beber, pois lhe parecia melhor quebrar o jejum que mergulhar no orgulho. Cheio de dúvida foi procurar o mestre que ao ouvir a história avaliou: trabalho mal feito. A avaliação do Vidente, esclarece Buber, não menosprezava o esforço do aprendiz, o que ele desejava ressaltar é que um trabalho bem feito é um trabalho coerente, isto é, é fruto de um esforço unificado que não se perde na hesitação. Diz Buber (p. 25): "suas hesitações e distúrbios vêm das hesitações e dos distúrbios da tua alma; a inquietação da alma grava-se em tua inquietação". Portanto, o trabalho mal feito é resultado de uma alma não unificada e uma alma não pode se unificar pelo esforço porque esse (p. 26): "não pode proteger a alma de suas próprias contradições". Chega-se, assim, ao final do capítulo, destacando que embora a unificação da alma nunca seja definitiva, o estabelecimento do sentido depende dessa unificação. Isso significa que o que vai fazer deve ser executado com a mais completa entrega, ou nas palavras de Buber (p. 28): "a tarefa que fazemos deve ser feita com todos os seus membros, isto é, todo o ser do homem deve estar envolvido, nada dele pode ficar de fora". É exatamente o que Ortega y Gasset diz sobre o modo de viver o sentido, precisa ser completa entrega. A explicação de Ortega é o episódio que envolve a morte de São

Maurício. Diz Ortega (*Muerte y Resurrección, Obras Completas*, v. II, 1998, p. 153): "São Maurício toma sua própria vida e a de seu legionários e as joga para longe de si. Precisamente porque conservando-a não seria sua vida. Para subir até ele mesmo, para ser fiel a si mesmo, necessita a máxima entrega até a morte".

O capítulo quatro, *Começar consigo mesmo* comenta uma visita que recebeu o rabi Jizchak de Worki de pessoas importantes na comunidade. Indagado pelos visitantes sobre se o melhor para conduzir a casa era escolher servos bons e fiéis, considera que no fundo tudo depende, não dos servos, mas de cada um. E aqui chegamos num ponto fundamental. Com que finalidade devemos ser autênticos? Para que o esforço na afirmação de nossa singularidade existencial? Porque o modo como posso mudar o mundo é começando por mudar a mim mesmo. E exemplo disso é o que escreve (p. 33): "não podemos procurar a paz em nenhum outro lugar senão em nós mesmos, até encontrá-la. Está escrito nos Salmos: não há saúde nos meus ossos por causa do meu pecado". Não basta, pois encontrar a razão dos conflitos externos em nosso interior, precisamos vencê-los superando nossas contradições. As contradições colocam em choque consigo mesma.

O penúltimo capítulo do livro aparentemente muda o contexto da reflexão. Apenas aparentemente. Relata Buber a consulta que foi feita ao rabi Chajim de Zans sobre a importância da penitência e ele responde que não se precisa ocupar muito tempo consigo mesmo e não se ocupa que se volta para o mundo. Contudo, explica Buber, todos os passos anteriores são importantes. Preciso perguntar porque devo me ocupar comigo mesmo, de que me vale conhecer o meu ser autêntico, porque devo começar tudo em mim, por que preciso unificar meu ser se o que importa é me voltar para o mundo? O que o rabi quer dizer não é que conhecer-se, ocupar-se consigo mesmo não seja importante, mas não é tudo. Em outras palavras, esclarece Buber o propósito (p. 38): "começar consigo, não é terminar consigo; partir de si, mas não ter o si como fim, compreender-se, mas não se ocupar consigo mesmo". Todo aperfeiçoamento pessoal buscado é bom, explica Buber, não tem um fim em si mesmo, o crescimento pessoal serve para ajudar a realizar o mundo de Deus. Em conclusão (p. 42): "todos devem se precaver para não tornar a si mesmos o objetivo de sua vida e de sua relação com o mundo". O aspecto exterior da ação pessoal, o cumprimento de uma missão pela vocação é o que também preconiza Ortega. O singular em Buber é entender esse mundo como o mundo de Deus, o reino do Pai, nas palavras de Jesus.

O último capítulo conta a história que o rabi Bunam contava de Eisik. Esse jovem teve o sonho com um tesouro enterrado debaixo de uma ponte em Praga. Depois do sonho ter-se repetido foi até lá e ficou à espera de uma oportunidade de procurá-lo. A oportunidade não aparecia por que a ponte era sempre protegida pela guarda. De tanto vê-lo por ali o oficial indagou o que pretendia. O jovem relatou-lhe o sonho e o guarda disse-lhe que o verdadeiro tesouro estava em sua casa. Com a história de Eisik, o rabi Bunam queria ensinar sobre a importância da inserção na realidade, na situação onde nos encontramos. Explica Buber (p. 44): "E o lugar em que estamos é onde este tesouro deve ser encontrado". A inserção do homem no mundo e o caráter relacional da existência dos fenomenólogos, na leitura de fé do Rabi significa que é o lugar em que

estamos onde devemos mostrar a presença de Deus. E é aí, nesse lugar, que precisamos descobrir nossa realidade íntima oculta. Portanto, não se fala de dois mundos (como Agostinho ou Platão) o celeste e o terrestre, pois (p. 47): "os dois mundos são, na verdade, um, e que necessariamente devem se tornar um". Cabe ao homem o papel de unir esses dois mundos. Deus quer chegar ao mundo, mas quer fazer isso através do homem, Ele conta com a colaboração do homem. Eis como conclui o capítulo (p. 49): "No final é isso que importa, deixar Deus entrar". Quando se permite o espírito atuar (ibid.): "estamos permitindo que ele entre".

E o que dizer do livro? Apesar de conter histórias do movimento hassídico, o livro não deve ser lido como expressão dele. Prova disso é que Buber aproxima as lendas do povo judeu da vida concreta, como não foi feito pelos teóricos do movimento, além de fazer referências superficiais à literatura básica do hassidismo nas reflexões que propõe sobre o significado da vida. Além disso, a leitura singular de Martin Buber transforma a aproximação com Deus, entendida no hassidismo misticamente como um transporte para além do tempo, numa relação temporal com o mundo, inserção do homem numa situação concreta no espaço e tempo. Encontra-se o autor, pois, naquele espaço limite estabelecido por Kant e retomado pela filosofia existencial de Karl Jaspers. A alegria com o mundo é algo que também não encontra justificativa no judaísmo hassídico. Enfim, a leitura que Martin Buber faz dos caminhos do homem, ou do sentido da existência, recupera aspectos da doutrina hassídica, mas é construção particular do autor. E é assim que devemos ler o livro. Um olhar em perspectiva, uma investigação sobre o sentido da vida, com a pupila e a reflexão pessoal de Martin Buber. Se quisermos utilizar a linguagem orteguiana de *Verdad y perspectiva* para dizer algo semelhante diríamos (1997, p. 19): "cada homem tem uma missão de verdade. Donde está minha pupila não está outra (...), somos insubstituíveis, somos necessários" (**Obras Completas**, v. 2, 3ª reimpresión, Madrid, Alianza, 1998).

RECEBIDO 25/08/2016

APROVADO 25/09/2016

PUBLICADO 31/10/2016